



COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1915-1920

VOLUME II

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

1,05

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos
Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

Além do Princípio de Prazer (1920)



■ VI

O trânsito entre os dois sistemas

Seria um equívoco imaginar que o *Ics* permanece inativo enquanto o trabalho psíquico todo seria realizado pelo *Pcs*, isto é, que o *Ics* seja algo já descartado, um órgão rudimentar, um mero resíduo que restou do processo de desenvolvimento. Também seria errôneo supor que o trânsito entre os dois sistemas se limite ao ato do recalque, pelo qual o *Pcs* lograria jogar no abismo do *Ics* tudo aquilo que lhe parece incômodo. Pelo contrário, o *Ics* tem muita vitalidade, é capaz de evolução e mantém uma série de outras relações com o *Pcs*, entre elas também a de cooperação. Podemos dizer, em síntese, que o *Ics* continua a atuar através de ramificações, os assim chamados derivados,⁸⁷ e mais: que ele é suscetível aos efeitos produzidos pela vida, e capaz tanto de influenciar constantemente o *Pcs* como de ser influenciado por este.

Adiantemos aqui que o papel dos derivados do inconsciente no *Ics* frustrará eventuais expectativas de que se possa formular uma distinção clara e bem esquemática entre os dois sistemas psíquicos. Embora isto certamente suscite críticas aos nossos resultados e provavelmente seja usado para levantar dúvidas acerca de nossa hipótese sobre a separação dos processos psíquicos em dois sistemas, não temos outro compromisso senão transformar os resultados de nossas observações em teoria. Não nos obrigamos, numa primeira tentativa, a apresentar uma teoria acabada que se imponha por sua simplicidade. Estamos dispostos a sustentar as complicações de nossa teoria, enquanto elas se mostrarem capazes de corresponder ao que observamos. Temos a expectativa de que justamente essas complicações nos levarão afinal a um conhecimento mais profundo de relações que, na verdade, acabarão por se revelar simples, embora façam jus às complicações da própria realidade.

Voltemos agora aos derivados. Entre os derivados das moções pulsionais *ics* que descrevemos, alguns reúnem características mutuamente opostas. Por um lado, eles são altamente organizados, coerentes e sem contradições, e podemos dizer que utilizaram as aquisições do sistema *Cs* a tal ponto que mal conseguiríamos distingui-los das outras formações psíquicas oriundas do *Cs*. Por outro lado, esses mesmos derivados são inconscientes e incapazes de se tornar conscientes. Portanto, qualitativamente, eles pertencem ao sistema *Pcs*, mas efetivamente pertencem ao *Ics*. Sua origem é que define seu destino. Podemos comparar os derivados aos mestiços daquelas raças humanas que *grosso modo* já

SE.87

se assemelham aos brancos, mas cuja origem de cor é denunciada por um ou outro traço que chama a atenção e os mantém excluídos da sociedade, impedindo-os de gozar as prerrogativas dos brancos. A formação das fantasias das pessoas normais e dos neuróticos é análoga a essa mestiçagem, nós reconhecemos tais fantasias como etapas prévias da formação tanto de sonhos quanto de sintomas; no entanto, mesmo com sua alta organização, permanecem recalçadas e, como tais, não podem tornar-se conscientes. Ao se aproximarem da consciência, tais fantasias poderão permanecer inalteradas enquanto não tiverem sido investidas de carga intensa, mas serão rechaçadas assim que a intensidade de investimento de carga ultrapassar determinado grau. Igualmente bem organizados são os derivados do *Ics* que denominamos formações substitutivas. Essas formações, porém, logram entrar na esfera da consciência devido a alguma circunstância favorável, como, por exemplo, se puderem somar forças com um contra-investimento de carga do *Pcs*.

Ainda iremos analisar mais detalhadamente em outro trabalho⁸⁸ as condições necessárias para que algo se torne consciente, e parte das dificuldades aqui surgidas tornar-se-á solucionável. Contudo, por ora, será mais vantajoso seguirmos outro caminho e contrapormos os fenômenos que vínhamos apresentando sempre a partir do ângulo do *Ics* à perspectiva que se apresenta a partir da consciência. Frente à consciência o conjunto dos processos psíquicos se apresenta como se pertencesse ao campo do pré-consciente. Em verdade, uma parte muito grande desse pré-consciente provém do inconsciente, tem características próprias dos derivados do inconsciente e antes de poder tornar-se consciente tem de submeter-se a uma censura. Por outro lado, existe uma parte do *Pcs* que pode tornar-se consciente sem ter de passar pela censura. Entretanto, esta nossa nova suposição de haver uma censura entre o *Pcs* e o *Cs* nos coloca em contradição com uma suposição anterior. Explico: ao discutirmos o recalque, vimo-nos obrigados a situar a censura entre os sistemas *Ics* e *Pcs*.⁸⁹ Todavia, essa censura — que é fundamental para o acesso ao consciente —, agora, afigura-se também entre o *Pcs* e o *Cs*.⁹⁰ Contudo, não precisamos encarar essa complicação adicional como uma dificuldade, basta supormos que a cada passagem de um sistema para o imediatamente superior, ou seja, que a cada progresso para um nível maior de organização psíquica, corresponda uma nova censura. Portanto, podemos descartar nossa suposição anterior de uma eventual renovação constante dos registros [*Niederschriften*].⁹¹

A origem das dificuldades em lidarmos com este assunto deriva do fato de que a qualidade de estar presente na consciência [*Bewusstheit*] é a característica de todos processos psíquicos aos quais temos acesso direto, e essa característica não

SE.88

SE.89

SE.90

SE.91

se presta em absoluto à distinção entre os sistemas.⁹² A isto se acrescenta que além do fato de que nem sempre tudo que está no consciente [*das Bewusste*] se encontra em estado consciente — por algum tempo pode encontrar-se em estado latente —, a observação nos ensinou que muitos dos elementos que compartilham as mesmas características do sistema *Pcs* não se tornam conscientes. Como ainda veremos, o processo pelo qual algo se torna consciente depende também de certos focos de atenção do *Pcs*.⁹³ Portanto, a consciência não mantém uma relação simples nem com os sistemas, nem com o recalque. A verdade é que não apenas o recalcado permanece estranho à consciência, mas também parte das moções que dominam o nosso Eu. Assim, esses elementos que estão no mais forte contraste funcional em relação ao recalcado também permanecem estranhos à consciência. Portanto, se quisermos progredir em direção a uma teoria metapsicológica, teremos de aprender a nos desligar da importância que damos ao sintoma do “estar consciente” [*Bewusstheit*].⁹⁴

Enquanto ainda estivermos presos a esse sintoma, nossas leis gerais serão constantemente desmentidas por exceções. Vemos, por exemplo, que os derivados do *Ics*,⁹⁵ após sofrerem grandes deformações, embora conservando muitas das características que evocaram o recalque, podem tornar-se conscientes constituindo formações substitutivas ou sintomas. Além disso, encontraremos muitas formações pré-conscientes que permanecem inconscientes, embora por sua natureza fosse de esperar que pudessem muito bem tornar-se conscientes. Provavelmente, o que está se evidenciando nesses casos é a força de atração exercida pelo *Ics* sobre essas formações. Assim, os aspectos mais importantes desse processo não devem ser buscados nas diferenças entre o consciente e o pré-consciente, mas nas diferenças entre o pré-consciente e o inconsciente. Se o *Ics* é rechaçado pela censura na fronteira com o *Pcs*, seus derivados podem contornar essa censura. Eles podem organizar-se em alto grau e, no *Pcs*, crescer até atingirem certa intensidade de carga de investimento mas depois, quando tiverem ultrapassado determinado nível de intensidade e quiserem impor-se à consciência, eles serão reconhecidos como derivados do *Ics* e recalcados outra vez na nova barreira da censura situada entre o *Pcs* e o *Cs*. Assim, a primeira censura funciona contra o próprio *Ics*; a segunda, contra os seus derivados *pcs*. É razoável supormos que essa ampliação da censura a um próximo patamar tenha ocorrido no próprio curso do desenvolvimento dos indivíduos.

Seja como for, no tratamento psicanalítico, constatamos de modo irrefutável a existência dessa segunda censura situada entre os sistemas *Pcs* e *Cs*. Em nossa prática, solicitamos ao doente que forme uma quantidade suficiente de derivados do *Ics* e que se comprometa a enfrentar e superar as objeções colocadas

pela sua censura interna — que impede essas formações pré-conscientes de se tornarem conscientes. Mas, à medida que vamos conseguindo vencer essa censura, logramos abrir caminho para a suspensão do recalque anteriormente imposto pela censura. Acrescentemos, ainda, que a existência da censura entre o *Pcs* e o *Cs* nos ensina que o processo pelo qual algo se torna consciente não é um mero ato de percepção, mas que provavelmente se trata também da sobreposição de uma camada adicional de carga de investimento, isto é, um sobreinvestimento, algo que podemos considerar um avanço adicional na organização psíquica.

Voltemos-nos agora para o trânsito entre o *Ics* e os outros sistemas, não para constatar algo de novo, mas antes para não nos esquecermos do mais importante. No nascedouro da atividade pulsional, há uma comunicação intensa entre os sistemas, como veremos a seguir. Enquanto parte dos processos aqui evocados passa pelo *Ics* como se estivesse atravessando uma etapa preparatória, para mais adiante alcançar o mais alto desenvolvimento psíquico no *Cs*, parte é retida no *Ics*. Contudo, também o *Ics* é atingido pelas vivências originadas na percepção externa. Em geral, todos os caminhos que vão da percepção ao *Ics* permanecem livres; somente os caminhos que seguem do *Ics* ao *Cs* estão sujeitos ao bloqueio pelo recalque.

Também é relevante mencionar que o *Ics* de uma pessoa pode reagir ao *Ics* de outra contornando o *Cs*. O fato merece uma análise mais aprofundada, especialmente para sabermos se a atividade pré-consciente permanece excluída desse processo, mas, do ponto de vista descritivo, o fato é irrefutável.⁹⁶

Os conteúdos do sistema *Pcs* (ou *Cs*) derivam, em parte, da vida pulsional (pela mediação do *Ics*), em parte, dos influxos da percepção. Não sabemos em que medida os processos do sistema *Pcs* (ou *Cs*) podem exercer uma influência direta sobre o *Ics*; o exame de casos patológicos muitas vezes nos revela que o *Ics* possui uma incrível autonomia e que é pouco suscetível a ser influenciado. Afinal, a característica do estar doente reside no fato de que na psique do doente ocorre uma total divergência entre os diversos anseios [*Strebungen*] da pessoa, bem como uma cisão absoluta entre os dois sistemas. Não obstante, o tratamento psicanalítico funda-se na influência do *Cs* sobre o *Ics* e mostra que, por mais trabalhosa que esta seja, não é tarefa impossível. Os derivados do *Ics* são os mediadores entre os dois sistemas, e, conforme já mencionamos,⁹⁷ serão justamente eles que abrirão o caminho para nosso trabalho. Mas podemos partir do pressuposto de que uma modificação espontânea no *Ics* oriunda do *Cs* é um processo difícil e lento.

SE.92

SE.93

SE.94

SE.95

SE.96

SE.97

Pode ainda ocorrer outra modalidade de relação entre os sistemas: uma cooperação entre uma moção pré-consciente e uma inconsciente. Mesmo que esteja intensamente recalçada, a moção [*Regung*] inconsciente pode entrar em cooperação com uma tendência [*Strebung*] dominante se ambas estiverem atuando na mesma direção. Nesse caso, o recalque é suspenso e a atividade recalçada é incluída a título de reforço da ação intencionada pelo Eu. Nessa constelação específica, o inconsciente entra em sintonia com o Eu [*ichgerecht*], sem que nada mais mude no seu recalque. O resultado da contribuição do *Ics* nessa cooperação é evidente; os anseios do indivíduo, agora intensificados pelo acréscimo da atividade inconsciente, comportam-se de maneira bem diversa dos anseios normais; esses anseios reforçados são capazes de um desempenho muito mais pleno e, diante de contradições, revelam ter uma resistência, semelhante à que observamos nos sintomas obsessivos.

Em resumo, poderíamos comparar o conteúdo do *Ics* a uma população psíquica ancestral. Se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto [*Instinkt*]⁹⁸ animal, elas seriam o cerne do *Ics*.⁹⁹ A esse cerne acrescentam-se mais tarde os conteúdos que foram descartados durante o desenvolvimento infantil como sendo inúteis, mas que por sua natureza não são necessariamente diferentes dos conteúdos herdados. No entanto, uma diferenciação clara e definitiva entre o conteúdo dos dois sistemas, em geral, só se estabelecerá na puberdade.

■ VII

Identificando o inconsciente

Nosso conhecimento do *Ics* de fato não vai além do que dissemos até aqui. Nossa fonte de informações é limitada, restringe-se apenas ao que sabemos da vida onírica e das neuroses de transferência. Isto não é muito, e certamente, em alguns trechos, nossa apresentação pode dar a impressão de conter concepções obscuras e confusas; além disso, não temos o suficiente para poder incluir ou subsumir o *Ics* a algum contexto já conhecido. Somente se ampliarmos nossa investigação e analisarmos um gênero de afecção que denominamos psiconeuroses narcísicas, poderemos avançar e chegar a concepções que tornem mais palpável o enigmático *Ics*.

No que se refere a essas afecções narcísicas, desde um trabalho de Abraham (1908) — que ele conscienciosamente atribuiu ao meu incentivo — estamos tentando caracterizar o quadro que Kraepelin denominou *Dementia praecox* (e Bleuler, esquizofrenia) em função do modo como a psique desses pacientes se comporta diante do Eu e do objeto. Procuramos indicar que ocorre uma oposição entre o Eu e o objeto. No caso das neuroses de transferência (histeria de angústia [*Angsthysterie*], histeria de conversão e neurose obsessiva), nada havia que evidenciasse a existência de tal oposição. Sabia-se, é verdade, que impedir o acesso [*Versagung*] ao objeto acarreta a irrupção da neurose e que a neurose envolve uma efetiva renúncia ao objeto real. Sabia-se também que a libido que foi retirada do objeto real retrocede em direção a um objeto que existe na fantasia e deste dirige-se a um objeto recalçado (introversão).¹⁰⁰ No entanto, o exame mais detalhado do processo de recalque nessas neuroses evidenciou que o investimento de carga no objeto geralmente continua a ser mantido com grande energia, o que nos leva a supor que o investimento de carga no objeto continua a existir no sistema *Ics*, apesar do recalque — ou melhor, como conseqüência dele.¹⁰¹ A capacidade dos pacientes com esses tipos de afecções de realizar uma transferência — da qual nos servimos em terapia — pressupõe haver ainda um investimento de carga inalterado e preservado no objeto.

Já no caso da esquizofrenia, ocorre o contrário: podemos supor que, após o processo de recalque, a libido retirada do objeto não mais procura um novo objeto, mas se recolhe para o Eu, ou seja: desiste-se de investir carga no objeto e restabelece-se um estado de narcisismo primitivo, sem objeto. A incapacidade desses pacientes de executar uma transferência — a qual depende da extensão do processo da doença — e a conseqüente falta de resposta à terapia, assim como sua singular rejeição ao mundo externo, os sinais de haver uma camada de sobreinvestimento de carga aplicada ao próprio Eu e, por fim, sua apatia total, todas essas características clínicas parecem reforçar a suposição de que nesses quadros ocorre uma desistência do sujeito de investir no objeto. Quanto à relação entre os dois sistemas psíquicos que vimos discutindo, chama a atenção de todos os observadores que muito dos aspectos que na esquizofrenia se expressam de forma consciente, nas neuroses de transferência só podem ser encontrados através da psicanálise no *Ics*. Contudo, falta-nos ainda estabelecer um nexos inteligível entre a relação Eu-objeto e as relações mantidas pela consciência.

Entretanto, eis que aquilo que estávamos procurando parece ter sido encontrado de um modo que não suspeitávamos: nos esquizofrênicos observam-se — especialmente nos estágios iniciais, tão ricos em ensinamentos — algumas alterações da *fala* que merecem especial atenção. A forma de os esqui-

zofrênicos expressarem-se é muitas vezes objeto de grandes cuidados e torna-se “rebuscada” e “floreada”. Ademais as frases desses pacientes sofrem de uma desorganização específica na sua estrutura, o que nos faz considerar as falas dos doentes desprovidas de sentido. No conteúdo dessas falas, muitas vezes prevalecem referências a uma relação com os órgãos ou com as inervações do corpo. Além disso, nesses sintomas da esquizofrenia, que correspondem às formações substitutivas da histeria ou da neurose obsessiva, a relação entre o substituto e o recalque apresenta peculiaridades que nos causariam estranheza se as encontrássemos nas duas neuroses citadas.

Vejam algumas observações acerca de uma esquizofrenia incipiente que o Dr. V. Tausk (de Viena) colocou à minha disposição. Chama atenção o fato de a própria doente querer esclarecer o sentido de suas falas.¹⁰² Ilustrarei agora, a partir de dois dos exemplos por ele apresentados, a concepção que pretendo defender, porém sei que seria fácil a qualquer outro observador também apresentar material abundante sobre o tema.

Uma das doentes de Tausk, uma moça, que após um desentendimento com o seu amado foi levada à clínica, queixa-se:

*Os olhos dele não estão certos, eles estão alterados, distorcidos, tortos.*¹⁰³ É ela quem nos esclarece, apresentando uma série de críticas ao amado, em linguagem ordenada. Afirma que “não consegue entendê-lo, cada vez ele tem uma aparência diferente, ele é um hipócrita, um *distorcedor de olhos*, ele torceu e virou os olhos dela, agora é ela quem tem os olhos revirados, distorcidos, não são mais dela aqueles olhos, ela agora vê o mundo com outros olhos”.

Os comentários que esses doentes fazem a respeito de suas próprias falas incompreensíveis têm o valor de uma análise, pois expressam um conteúdo equivalente ao da análise; além disso, de maneira compreensível para nós, esclarecem o significado e a gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Em conformidade com Tausk, destaco que, neste exemplo, a relação com o órgão (neste caso, com o olho) substitui todo o conteúdo e passa a representar seus pensamentos. A fala esquizofrênica apresenta aqui um traço hipocondríaco; ela se tornou *linguagem dos órgãos*.¹⁰⁴

Eis uma segunda informação da mesma doente: “Ela está na igreja, de repente sente um solavanco, *precisa se colocar*¹⁰⁵ [stellen] *em outra posição, como se alguém a colocasse nessa posição, como se ela fosse colocada.*”

Segue-se uma análise por meio de uma série de críticas ao amado, “que é ordinário, que a transformou, a ela, moça de família fina, também em uma ordinária. Ele a tornou parecida com ele, fazendo-a acreditar que ele lhe era superior; agora, ela tinha ficado como ele, pois acreditava que se tornaria melhor se fosse

SE.102

T.103

SE.104

T.105

igual a ele. Ele a *iludiu* [sich verstellte], ela agora é como ele (identificação!), ele a *descolocou* [sie verstellte]”.¹⁰⁶

O movimento de “se posicionar de forma diferente”, observa Tausk, é uma forma de expressar [Darstellung]¹⁰⁷ o termo “dissimular/colocar em falsa posição” e a identificação com o amado. Eu, por minha vez, destaco em todo esse raciocínio a prevalência de um elemento cujo conteúdo é uma inervação corporal (ou antes, sua sensação). Uma histérica, aliás, teria, no primeiro caso, revirado os olhos convulsivamente e, no segundo, teria de fato executado o solavanco, em vez de ter sentido o impulso ou a sensação dele. Em ambos os casos, uma histérica não teria pensamentos conscientes e tampouco teria sido capaz de expressá-los depois.

Esses dois relatos são testemunho do que chamamos de linguagem hipocondríaca ou dos órgãos. Mas o que nos parece mais importante é que eles também alertam para outro estado de coisas, que pode ser facilmente comprovado, por exemplo, nos casos colhidos na monografia de Bleuler [1911]. Eles podem ser resumidos na seguinte fórmula específica: No caso da esquizofrenia, as *palavras* são submetidas ao mesmo processo que também transforma os pensamentos oníricos latentes em imagens oníricas. Trata-se do que chamamos de *processo psíquico primário*. Neste, as palavras são condensadas [verdichtet] e transferem integralmente uma à outra suas cargas de investimento deslocando-as. O processo pode chegar ao ponto de uma única palavra assumir a representação de toda uma cadeia de pensamentos, devido às múltiplas relações que mantém com outros elementos.¹⁰⁸ Os trabalhos de Bleuler, Jung e seus discípulos produziram abundante material que corrobora justamente essa afirmação.¹⁰⁹

Entretanto, antes de chegarmos a uma conclusão, temos de abordar ainda outro aspecto, as diferenças sutis, porém peculiares, entre a formação de substitutos na esquizofrenia, de um lado, e na histeria e na neurose obsessiva, de outro. Um paciente que estou acompanhando atualmente afasta-se de todos os interesses da vida devido ao mau estado da pele de seu rosto. Ele afirma ter cravos e buracos profundos no rosto, perceptíveis a qualquer um. A análise comprova que ele situava o seu complexo de castração na pele. De início, ocupava-se sem remorso de seus cravos, que, espremidos, lhe propiciavam grande satisfação, pois nesse ato, dizia, algo espirrava de dentro para fora. Depois, começou a acreditar que em toda a parte onde havia retirado um cravo havia surgido uma cova profunda, e passou a se criticar duramente, dizendo ter arruinado sua pele para sempre, por “ficar constantemente futucando-a com a mão”. É evidente que, para ele, espremer o conteúdo dos cravos era um substituto da masturbação. A cova que surge em seguida por sua culpa são os órgãos genitais

T.106

T.107

SE.108

F.109

femininos, i.e., a concretização de uma ameaça de castração incitada pela masturbação (ou uma fantasia que representa essa ameaça). Apesar de seu caráter hipocondríaco, essa formação substitutiva tem muita semelhança com uma conversão histérica; contudo, percebe-se que aqui deve estar ocorrendo algo diferente e que é preciso primeiro elucidarmos em que se baseia essa diferença antes de eventualmente podermos atribuir essa formação substitutiva a uma histeria. Uma cova minúscula como um poro da pele dificilmente será tomada por um histérico como símbolo da vagina, a qual ele normalmente compararia com todos os objetos possíveis que possuam um espaço oco. Acreditamos também que a multiplicidade de covinhas faria com que ele não as utilizasse como substitutos dos órgãos genitais femininos. Algo análogo a esse caso de esquizofrenia também ocorre com um paciente jovem cujo caso há anos Tausk relatou à Sociedade Psicanalítica de Viena. Esse jovem, em geral, comportava-se exatamente como um neurótico obsessivo, levando horas para se arrumar. No entanto, chamava atenção o fato de o paciente saber informar, sem oferecer resistência alguma, o significado de suas inibições. Por exemplo, afirmava que, ao calçar as meias, incomodava-lhe a idéia de ter de esticar o tecido delas, e que, ao fazê-lo, os pontos da malha iam se separando, de modo que pequenos orifícios se abriam, ou seja, pequenos buracos, cada um dos quais simbolizava para ele a abertura genital feminina. Esse tipo de explicação não seria dado por um neurótico obsessivo. Por exemplo, R. Reitler relata-nos o caso de um paciente neurótico obsessivo que demorava longamente para calçar as meias: após superar suas resistências, o paciente afinal chegou à explicação de que o pé era um símbolo do pênis e o ato de calçar as meias, um ato masturbatório, de modo que ele tinha de calçar e tirar as meias seguidas vezes, visando, em parte, a aperfeiçoar a imagem da masturbação, em parte a anular esse ato.

Se nos perguntarmos a que atribuir o caráter de estranheza da formação substitutiva e do sintoma esquizofrênicos, finalmente entenderemos que é a predominância da relação com a palavra em vez da relação com a coisa [*Sachbeziehung*]. Entre o espremer de um cravo e a ejaculação do pênis há uma semelhança objetiva relativamente pequena, que é menor ainda entre os inúmeros poros rasos e a vagina; mas, no primeiro caso, nas duas vezes algo espirra para fora, e, no segundo caso, vale literalmente a frase clínica: "buraco é buraco". Foi a equivalência da expressão lingüística, e não a semelhança dos objetos definidos, que determinou a substituição. Portanto, é justamente nos aspectos em que palavra e coisa [*Ding*]¹¹⁰ não se equivalem que a formação substitutiva esquizofrênica se diferencia das neuroses de transferência.

Se somarmos esse nosso avanço no entendimento da esquizofrenia à suposição anteriormente expressa — de que na esquizofrenia a pessoa desiste dos investimentos de carga no objeto [*Objekt*] —, teremos agora de reformular essa hipótese anterior, afirmando: na esquizofrenia mantém-se o investimento de carga nas representações mentais das palavras (*Wortvorstellungen*), i.e., nas representações-de-palavra. Aquilo que antes chamávamos de representação mental do objeto ou idéia consciente do objeto, ou seja, representação-de-objeto, agora se subdivide em *representação-de-palavra* [*Wortvorstellung*] e *representação-de-coisa*¹¹¹ [*Sachvorstellung*]. Esta última consiste no investimento de cargas — se não nas imagens diretas da lembrança-de-coisa [*Sacherinnerungsbilder*] —, nos traços de lembrança que estão mais distantes e derivam dessas lembranças. Fica agora então claro como uma idéia consciente se diferencia de uma inconsciente. As duas não são, como pensávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo situados em locais psíquicos diferentes. Tampouco são diferentes estados funcionais de investimentos de carga aplicados ao mesmo local. Uma representação [*Vorstellung*] consciente abrange a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*] acrescida da representação-de-palavra [*Wortvorstellung*] correspondente, ao passo que a representação [*Vorstellung*] inconsciente é somente a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*]. O sistema *Ics* contém os investimentos de carga referentes à coisa [*Sache*] que faz parte do objeto; na verdade, estes são os primeiros e verdadeiros investimento de carga no objeto. Quanto ao sistema *Pcs*, este surge quando essa representação-de-coisa, ao ser vinculada às representações-de-palavra que lhe correspondem, recebe uma camada de sobreinvestimento de carga [*Überbesetzung*]. Assim, podemos supor que são os tais sobreinvestimentos de carga [*Überbesetzungen*] o fator que leva a uma organização psíquica mais elevada e possibilita a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*. Agora, também podemos expressar de forma precisa o que nas neuroses de transferência é negado [*verweigert*] pelo recalque: ao rejeitar uma idéia ou representação, ele está recusando-se a aceitar¹¹² a tradução da representação em palavras, pois essas palavras devem continuar associadas ao objeto. É a representação não revestida de palavras ou o ato psíquico que não esteja sobreinvestido que permanecerá como material recalcado no *Ics*.

Por um momento gostaria de chamar a atenção para quão cedo na verdade já havíamos compreendido o fenômeno que hoje nos permite entender uma das características mais evidentes da esquizofrenia. Nas últimas páginas de *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em 1900, explica-se que os processos de pensamento, i.e., os atos de investimento de carga mais distantes das percepções [*Wahrnehmungen*], em si não têm qualidade e são inconscientes, só atingindo

SE.111

SE.112

sua capacidade de se tornarem conscientes pela união com os resíduos das percepções-de-palavra.¹¹³ Voltemos, contudo, à presente investigação. As representações-de-palavra, por sua vez, provêm da percepção sensorial, como as representações-de-coisa. Poderíamos assim nos perguntar por que as representações-de-objeto não podem tornar-se conscientes por meio de seus próprios resíduos de percepção. Provavelmente, a resposta é que o pensamento se dá em sistemas muito distantes dos resíduos originais de percepção, que não retiveram mais nada de suas qualidades e necessitam de um reforço através de novas qualidades para se tornarem conscientes. Além disso, mesmo aqueles investimentos de carga que correspondem apenas a meras relações entre as representações-de-objeto, e que por isso são incapazes de arrancar alguma qualidade das próprias percepções, podem ser dotados de qualidade ao serem vinculados a palavras. Tais relações, que só se tornaram palpáveis por meio de palavras, são de fato a parte essencial de nossos processos de pensamento. Entendemos que a vinculação a representações-de-palavra ainda não coincide com o afloramento da consciência, mas apenas possibilita que isso aconteça, ou seja, essa vinculação apenas caracteriza o sistema *Pcs*.¹¹⁴ No entanto, com essas digressões estamos abandonando nosso tema propriamente dito e adentrando por demais os problemas do pré-consciente e do consciente, de modo que será mais sensato interrompermos esta discussão e deixarmos para retomá-la em outra ocasião, quando então poderemos tratá-la em separado.¹¹⁵

No caso da esquizofrenia, que aqui só estamos abordando na medida em que nos parece indispensável para o avanço do entendimento do *Ics* em geral, vemo-nos levados a perguntar se o processo que denominamos recalque ainda tem alguma coisa em comum com o recalque do qual falamos quando discorremos sobre as neuroses de transferência. Certamente a fórmula segundo a qual o recalque é um processo entre o sistema *Ics* e o *Pcs* (ou *Cs*), resultando no afastamento da consciência [ESPI, vol. 1, p. 178], necessita de uma modificação, para que possa abarcar o caso da *Dementia praecox* e outras afecções narcísicas. Contudo, a tentativa de fuga do Eu, que se expressa na retirada do investimento de carga consciente, mantém-se como o elemento comum. Aliás, até mesmo em uma observação mais superficial fica evidente como nas neuroses narcísicas essa fuga — ou tentativa de fuga — do Eu é muito mais exaustiva e profunda.

Contudo, se na esquizofrenia essa fuga consiste na retirada dos investimentos de carga pulsional de todos os locais que estão representando [*repräsentieren*]¹¹⁶ na psique a representação-de-objeto *inconsciente*, parece estranho que justamente a parcela dessa mesma representação-de-objeto que pertence ao sistema *Pcs* — ou seja, as representações-de-palavra que lhe correspondem

— deva sofrer um investimento mais intenso. Poder-se-ia esperar o contrário, ou seja, já que a parcela pré-consciente da representação-de-objeto é a representação-de-palavra, ela é a que deveria agüentar o primeiro impacto do recalque. Também seria de imaginar que, após o recalque ter chegado às representações-de-coisa inconscientes, a representação-de-palavra devesse tornar-se totalmente impermeável a investimentos de carga. Em verdade, trata-se aqui de uma dificuldade de compreensão. Cabe esclarecermos que nesses casos o investimento de carga da representação-de-palavra não faz parte do ato de recalcar, mas representa a primeira das tentativas de produção ou cura que predominam tão evidentemente no quadro clínico da esquizofrenia.¹¹⁷ Esses esforços visam a recuperar os objetos perdidos, e pode bem ser que, nesse intuito, eles sigam o caminho em direção ao objeto por meio da parcela desse objeto composta pela palavra; no entanto, ao seguirem por essa via, terão de se contentar com as palavras em vez das coisas. Nossa atividade psíquica move-se geralmente em duas direções opostas: ou ela parte das pulsões, atravessa o sistema *Ics* e dirige-se para a atividade consciente de pensamento, ou ela parte de um estímulo oriundo de fora e passa pelo sistema do *Cs* e *Pcs* até chegar aos investimentos de carga *ics* do Eu e dos objetos. Entretanto, mesmo quando ocorre um recalque, esse segundo caminho deve continuar aberto e poder ser percorrido, bem como estar acessível a todos esforços da neurose para recuperar os seus objetos. Assim, podemos dizer que, quando se começa a pensar de forma realmente abstrata, corre-se o perigo de menosprezar as relações das palavras com as representações-de-coisa inconscientes, e nesse caso é inegável que também a filosofia poderá adquirir uma indesejável semelhança, em forma e conteúdo com o modo de trabalho mental dos esquizofrênicos. Por outro lado, a partir da forma com que a psique esquizofrênica funciona, podemos concluir que a característica desse modo esquizofrênico de operar consiste em tratar as coisas concretas como se fossem abstratas.

Finalizemos, afirmando que se de fato tivermos conseguido identificar de forma correta o *Ics* e logrado definir a diferença entre uma representação inconsciente e uma pré-consciente, então novas pesquisas que venhamos a aplicar a diferentes aspectos da psique necessariamente confirmarão essa mesma conclusão.

SE.113

SE.114

SE.115

T.116

SE.117